

A PROPÓSITO DE BEATRIX REYNAL

A dificuldade de condução originou uma interminável teoria de atrapalhões e de imprevistos. Muitas vezes os que moramos distantes do centro da cidade não podemos fazer as refeições em família e aceitamos resignados qualquer mesa de qualquer restaurant ou frege que no momento se nos apresente disponível. Mas, estas contingências de guerra têm como todos os males grandes ou pequenos suas compensações: logramos encontrar velhos amigos agora agregados à mesma refeição comum, pudemos evangélicamente com os companheiros conversar mais largamente comendo o mesmo parabolico peixe mais fácil nos tempos que correm que a carne tão racionada. E quasi que o pão é ázimo de tão insípido; porém os gratos inesperados encontros, as palavras entrelaçadas em tórno das pequenas mesas têm seu sabor de flagrante fraternidade, de amizades que separadas pela vasta urbe voltam a conglomerar-se sôbre o escasso repasto.

Ao entrar no restaurant próximo ao lugar em que trabalho vi Rachel de Queiroz em companhia de Beatrix Reynal. Agora aderido ao grupo contamo-nos as nossas vidas; e estou sabendo muito surpreso que em certo livro sôbre a atividade de franceses no Brasil, em favor da libertação, da vitória, da restauração da França estava olvidado o nome do poeta de "Poèmes de Guerre". Vejo-me obrigado súbitamente a fazer justiça, a depor, a manifestar-me contra esta exclusão. Esta mulher opulenta representa por isso mesmo um test de poesia: poderia o tipo daquele esthète solitaire de que nos fala Henri Davenson, poderia encerrar-se cômodamente em sua "sphère de cristal irisée, merveilleuse et close. Mas, como anuncia o ensaista de "Fondements d'une culture chrétienne": il y a une malédiction sur l'homme seul," e Beatrix vem para o nosso convívio, para a nossa contingência, sofre conosco os mesmos ultrages, a mesma incompreensão, os mesmos ridículos, exposta aos mesmos precipícios cujos roteiros certos estão assinalados nos mapas dos burgueses. Hontem ela escrevia poemas de ternura, brotados do fond du cœur que segundo Fortunat Strowski une sorte de pudeur ou de fierté les préserve d'être des confidences vulgaires," para hoje vir gritar os rasgados versos de guerra em que ha sempre um Rouget de L'Isle cantando para as massas.

Entre os poemas da demi-clarté des régions profondes e es-

tes gritados em honra dos bons guerreiros existe aparentemente um grande abismo. Porém a poesia, a verdadeira poesia é uma só, e embora guerra e ternura sejam dois reinos diferentes os signos poéticos os unificam conferindo-lhes unidade indissolúvel. Há no poeta além desta unidade mágica uma vida integrada em poesia, uma sede de comunicação que comove, um desejo permanente de dar-se, de permutar-se, de mutualizar-se, de expor a sua poesia e ser criticada, compreendida e amada. O século engendrou muitas solitudes, e entre estas a solitude orgulhosa do homem que pensa. Como se para pensar, para escrever, para viver poesia houvesse necessidade de ser-se esquivo e fechado sem este contato corrosivo da alma com o mundo. A imagem deste tipo de intelectual se acha bem representada mesmo nas palavras do autor de "La situation faite par le temps présent aux jeunes intellectuels": L'esthète s'est fait construire une maison splendide pour y abriter ses amours, il l'a décorée avec tout l'art du monde, il en a fait le cadre le plus propice à la plus belle passion. Mais une fois que la maison est prête, il ne voit rien venir. Dans le décor splendide aucune passion ne vient jouer son drame, et l'âme désolée se promène dans le palais vide, au milieu de ces splendeurs inutiles."

Ai, deste artificialismo, desta vaidade satânica, desta falta de comunhão em que se confinam os poetas de hoje. Uma certa atitude sem conteúdo, sem possibilidades de transmissão, sem objetivo consome energias orfãs de atividade verdadeiramente criadora. Esta arte tantas vezes empanturrada de temas proletários, sociais, políticos não possui entretanto humanidade suficiente, nem suficiente técnica para comunicar-se com o mundo, esta arte se replie sur lui-même. Nesta autofagia, neste repliement sobre si própria reside a feição mais típica da arte contemporânea. Qualquer coisa de excessivamente cerebral, de construído, de formal, de snob, de microcirculação immobilizou o artista moderno. Um medo doente de parecer vulgar, de cair de cordas-bambas, de enfrentar o ridículo, (como se o poeta não tivesse o dever de experimentar todos esses perigos?) de ser deramado, ou comunicativo, de parecer filistino ou nouveau-rich faz com que o intelectual fique avarento, macampãde a cultura egois

Quero recorrer ainda a este clarividente Davenson para mostrar o dom da comunicabilidade antiga)

ta dos nossos tempos:

"Il y a des gens que je connais bien, ils vivaient à la fin du IV siècle; ils s'appelaient Ausone ou Symmaque; ils avaient des amis, ils échangeaient des visites, ils allaient des amis s'écouter mutuellement faire des conférences, ils s'écrivaient pour s'envoyer leurs vers. Quand on lit ce qu'ils faisaient là, on est pris de dégoût à mesurer le degré d'avilissement où était tombée la notion d'intelligence, ce nom divin. Et cependant ils étaient heureux les uns avec les autres, ils vivaient tranquilles, ils n'ont jamais compris quel était ce tragique destin de vivre une décadence et d'être les fossoyeurs d'une culture morte."

Quando observo como vivem infelizes uns com os outros os literatos hodiernos, cada qual olhando o outro como o publicano indigno de suas sinagogas é que me alegro de rever esta emigrada do século IX que poderia ser Ausonia ou Simaca mas que tomou providencialmente o nome sonoro de seus sadios antepassados da Provence apesar de nascida como Lautreamont no Uruguai.

E eis que esta imprevista mulher considera-se brasileira, interessa-se vivamente pelos seus inúmeros conhecidos, orgulha-se de nossas opiniões pouco importantes sobre a sua poesia, sobre a sua atividade, o seu desejo de integrar-se em nossa literatura ainda tão jovem, de pertencer ao nosso fraco team improvisado diante da tradição imensa em cuja língua clara a sua poesia se expressa e se transmite. Diante do universal não vejo melhor figura do que a seu respeito evocou Fortunat Strowski. Uma grande tempestade desabou sobre o mundo, empapando-o de sangue, de lama, de cadáveres. Cidades esbarroudam-se na mais profunda desgraça, a morte dizima o que vive no ar, sobre o solo e sob o solo. Num galho de árvore em que não conseguiram pendurar um enforcado, no ramo fragil ainda poupado pela metralha l'oiseau mélodieux chante et chante. Já não existem mais florestas para acompanhar o canto fragil mas ha seres infelizes a quem os seus gestos poéticos levam a caridade divina.

Estou lendo em P. Henri Simon em seu "Destins de la Personne" qualquer coisa que vem a propósito do que acabo de escrever: "L'aumône du riche n'est pas un don gratuit, un bienfait souverain que la pitié laisse tomber du haut - c'est un service, un ordre, une obligation". Deus ordena que a abundância supra as faltas e seja dado aos necessi-

tados o supérfluo dos ricos (Enchir. Cap. XLXX). E para ilustrar a conclusão a que cheguei penso que devo relembrar uma pequena história antiga já muito conhecida de todos. E, foi que ha alguns séculos quando os homens eram mais comunicativos e mais fraternos, os trovadores estes poetas que escreviam e viviam poesia representavam tambem elementos indispensáveis à harmonia da sociedade e à alegria dos banquetes. E, durante as festas nos castelos feudais, cantavam coisas suas ou lendas extraordinárias como a de Galaad, a de Lancelot do Lago, da fada Morgana, de Merlin ou do desaparecimento do rei Arthur, que não perecera mas dormia em alguma grotta nevada, com a espada ao lado para dizimar o invasor apenas chegasse a hora da desforra. E quando o troneiro se punha a relatar a batalha de Rolando sobrinho de Carlos Magno, Oliverio e a elite dos paladinos de França, derrotados em Roncesvalles, as crianças, os populares, as mães com seus pimpolhos os antifices, os operários, os velhos, todos se punham à escuta fascinados pela poesia. Um desses trovadores, um desses palhaços de Deus, filho da Umbria, da verde Umbria, da santa Umbria, da Terra da paixão e do tormento nasceu precisamente em Assis.

Assis era uma pequena cidade cubiçada pela aguia alemã. Frederico Barharoxa entregou-a mesmo a um de seus vassallos o duque Conrado de Lützen. Mas duas forças típicamente latinas conseguiram a sua libertação: a crença de seus bispos e o dinheiro de seus mercadores. Francisco (François em homenagem a França) aos vinte anos era rico, poeta e livre. Diz um de seus melhores biografos Maria Sticco que ele era elegante até à bizzarria generoso até a prodigalidade. O meu querido poeta defunto Armando **Ma Leite** que lhe escreveu a mais bela tradução nos informa: "Com os tecidos mais preciosos da loja paterna trajava-se à última moda de França, e todo o dinheiro que obtinha e que os pais largamente lhe forneciam gastava em ceias, cavalgatas, jogos e festas com os amigos, porque, além do garbo senhoril, tinha mais de particular um sentimento delicado e ardente de amizade, a necessidade de partilhar com outros os seus bens e a sua alegria, de divertir-se e divertir, de gozar e fazer gozar com extrema liberalidade. Era tão afeiçoado aos amigos que muitas vezes se levantava da mesa antes de acabada a refeição e lá se ia com eles em alegre companhia. E de habito este trovador cantava em provençal. Era a língua das cortes do amor; a de sua mãe, a de seu passado. Em sua harmonia interior, como em um frasco de perfumes, aquela língua guardava para ele a recordação de tudo o que não havia morrido, mas se transformara assim como ele trans-

formara os conceitos e as palavras dos canticos dos trovadores."

+

+ +

Este grande poeta que compunha laudes na língua de Provença de seus maiores, em meio da maior abundância e da maior alegria e da obsidente preocupação da guerra, não esquece os leprosos - os seres mais infelizes da humanidade.

Todo poeta é sempre a repetição dos gestos interiores ou exteriores dos que existiram pois a poesia é a mesma onda de Verbo divino que banha as criaturas privilegiadas. Beatrix Reynal neta de trovadores da Provença, rica, e afeiçoada aos amigos até à liberalidade e aturdida pelo tremendo espetáculo da guerra e a libertação de seu país não esqueceu também os pobres e os leprosos. Mas alguém esqueceu de contar a sua história num livro de benemerencias. E, por isso eu por espírito de justiça resolvi hoje, fazê-lo neste santo dia 8^{de Dezembro} de Nossa Senhora.

humanidade.

Todo poeta é sempre a repetição dos gestos interiores ou exteriores dos que existiram, pois a poesia é a mesma onda de Verbo divino que banha as criaturas privilegiadas. *Certa poetisa,* ~~de Provença,~~, neta de trovadores da

Provença, rica, e afeiçoada aos amigos até à liberalidade e aturdida

pelo tremendo espetáculo da guerra e a libertação de seu país não es-

queceu também os pobres e os leprosos! *que ela visita e assiste com dedi-*

cacão franciscana. E quando a vez nene afam de verdadeira caridade

a sua história num livro de benemerências. ~~E, por isso, eu, por es-~~

crista acredito que se seus versos de nada valessem mesmo, basta-

~~pirito de justiça, resolvi fazê-lo no santo dia 8 de Dezembro de Nossa~~

vam a sua atitude, de criança adulta e à sua vida votada à

~~Senhora.~~

fraternidade) para conferir-lhe o título de poeta que
ela sempre ambicionou e ambiciona como a única fortuna
e grande graça.